

**ANÁLISE SEMIÓTICA DO TEXTO:
O PERCURSO GERATIVO DO SENTIDO**

ERNANI TERRA

ANÁLISE SEMIÓTICA DO TEXTO: O PERCURSO GERATIVO DO SENTIDO**SEMIOTIC ANALYSIS OF THE TEXT: THE GENERATIVE PROCESS OF MEANING**Ernani Terra (PUC-SP e GES-USP)¹

ORCID: 0000-0002-2889-1576

DOI: <https://doi.org/10.59666/fiosdeletras.viio1.3413>

RESUMO: O artigo apresenta conceitos básicos de semiótica discursiva e trata especificamente do percurso gerativo do sentido. Como pretende ser um texto introdutório a conceitos básicos de semiótica discursiva, optou-se por dividi-lo em duas partes: na primeira apresenta-se o percurso gerativo do sentido, exemplificando-o a partir de um poema bastante conhecido, *Canção do exílio*, de Gonçalves Dias. Na segunda parte, aplicam-se os conceitos apresentados na primeira na análise do poema *O açúcar*, de Ferreira Gullar, mostrando como se constroem os sentidos do poema.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica Discursiva; Percurso Gerativo; Temas e Figuras; Enunciação

ABSTRACT: This article presents basic concepts of discursive semiotics and deals specifically with the generative path of meaning. As it is intended to be an introductory text to the basic concepts of discursive semiotics, it was decided to divide it into two parts: the first presents the generative path of meaning, exemplifying it using a well-known poem, *Canção do exílio*, by Gonçalves Dias. In the second, the concepts presented in the first part are applied to the analysis of the poem *O açúcar*, by Ferreira Gullar, showing how the meanings of the poem are constructed.

KEYWORDS: Discursive Semiotics; Generative Process; Themes and Figures; Enunciation

¹ Doutor em Língua Portuguesa pela PUC-SP, onde defendeu a tese *Leituras de professores: uma teoria da prática*. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6898985526730299>. E-mail: terraernani@gmail.com

Introdução

A semiótica discursiva, também conhecida por semiótica de linha francesa ou greimasiana, tem por objeto o texto, mais precisamente como se constroem os sentidos do texto. No dizer da professora Diana Luz Pessoa de Barros, no livro *Teoria semiótica do texto*, leitura obrigatória a todo aquele que se inicia nos estudos da semiótica discursiva, “... a semiótica [...] procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz” (BARROS, 2003, p. 7, grifos da autora).

A semiótica concebe texto como um todo de significação capaz de estabelecer comunicação entre sujeitos de uma determinada sociedade e, portanto, veiculador de valores ideológicos. Na esteira de Hjelmslev, para a semiótica, o texto resulta da superposição de dois planos que se pressupõem: um conteúdo de ordem cognitiva, *grosso modo*, aquilo que o texto diz, e uma expressão material, uma linguagem qualquer que manifesta o conteúdo, ou seja, pode-se entender o texto como um grande signo linguístico. O plano da expressão corresponderia ao significante e o plano do conteúdo, ao significado.

Num primeiro momento, a semiótica abstrai o plano da expressão dos textos e atém-se apenas ao plano do conteúdo, o que representa uma vantagem, uma vez que seu aparato teórico-metodológico pode ser aplicado a qualquer texto, independentemente de como se configura o plano da expressão, vale dizer, a semiótica pode ser aplicada a textos verbais, não verbais e multimodais. A partir dos estudos de Jean Marie Floch sobre o texto visual, a semiótica tem-se voltado também à análise do plano da expressão e não apenas de textos visuais, mas também de textos verbais, especialmente a de textos poéticos, uma vez que, nesse tipo de texto, o plano da expressão é constitutivo do sentido.

1. O percurso gerativo do sentido

Para explicar o sentido dos textos, a semiótica parte do princípio de que ele decorre de um percurso que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto, o chamado percurso gerativo do sentido, que apresenta três níveis.

O primeiro, o mais abstrato e simples, é denominado nível fundamental. Nele, está presente o sentido mínimo do texto que emerge de uma oposição semântica entre dois contrários, em geral abstratos, como vida vs. morte, natureza vs. cultura, identidade vs. alteridade, liberdade vs. opressão. Nessa oposição de base, um dos

termos será valorado pelo enunciatário como positivo ou eufórico e o outro, como negativo ou disfórico.

O segundo nível é chamado de narrativo. Nele, a narrativa é organizada a partir do ponto de vista de um sujeito. Os valores presentes no nível fundamental são assumidos por um sujeito, havendo estabelecimentos e rupturas de contratos e transformações decorrentes de mudanças de estado do sujeito por ação de outros sujeitos, ou seja, narratividade. O nível narrativo é um simulacro da ação do homem no mundo.

O terceiro nível, o mais complexo e concreto e próximo ao plano da expressão, é denominado nível discursivo. Nele, as estruturas narrativas são convertidas em discurso pela enunciação, que instaura as categorias de pessoa, espaço e tempo. Nesse nível, manifestam-se ainda os temas e as figuras. Ressalte-se que o percurso gerativo do sentido diz respeito apenas ao plano do conteúdo dos textos e acrescenta-se que a passagem de um nível a outro representa sempre um enriquecimento de sentido. O plano da expressão manifesta o conteúdo. A superposição de uma expressão qualquer ao plano do conteúdo tem como produto o texto. Nas palavras de Diana Luz Pessoa de Barros,

Para construir o sentido do texto, a semiótica concebe seu plano do conteúdo sob a forma de um percurso de engendramento do ou dos sentidos, que vai do mais simples ao mais complexo, do mais abstrato ao mais concreto e que se organiza em níveis ou lugares de articulação da significação, passíveis, cada qual de descrição autônoma (BARROS, 2003, p. 88).

Embora a Semiótica prime por um rigor metodológico para explicar como se constrói o sentido dos textos, a ordem dos níveis do percurso gerativo do sentido (fundamental, narrativo, discursivo) não deve ser vista como uma camisa de força para efeitos de análise dos textos. O percurso gerativo do sentido é um modelo teórico e tem apenas caráter operacional.

Se, para a semiótica, a construção do sentido dos textos obedece a um percurso ascendente, que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto, na análise, é comum que se observe um percurso descendente, indo do mais complexo ao mais simples; pois, como ensina Barros (2003, p. 77), “é mais fácil examinar as estruturas fundamentais depois de apreendidas as organizações narrativas e discursivas do texto”, por isso propõe-se começar a análise pelo nível mais concreto e superficial, o discursivo, observando a sua semântica, os temas e as figuras, e seu encadeamento. A semiótica chama de isotopia a reiteração de unidades semânticas. Quanto à sintaxe

discursiva, investiga-se o sujeito da enunciação bem como as coordenadas espaciais e temporais (eu-aqui-agora) e as delegações de vozes. Barros (2003) esclarece que

O sujeito da enunciação faz uma série de “escolhas”, de pessoa, de tempo, de espaço, de figuras, e “conta” ou passa a narrativa, transformando-a em discurso. O discurso nada mais é, portanto, que a narrativa “enriquecida” por todas essas opções do sujeito da enunciação, que marcam os diferentes modos pelos quais a enunciação se relaciona com o discurso que enuncia (BARROS, 2003, p. 53).

A partir do nível discursivo, com sua semântica (os temas e as figuras) e sua sintaxe (as categorias da enunciação), pode-se chegar, passando pelo nível narrativo, que representa a ação do homem mundo, ao nível fundamental, mais abstrato e simples, que é expresso por uma oposição mínima de significado. Os valores, presentes na estrutura profunda do texto, são assumidos pelo enunciatário (o leitor implícito) que os investe de valor positivo ou negativo.

Em outro trabalho, Terra e Pacheco (2017, p. 155) chamam a atenção para o fato de que “o nível discursivo não é apenas mais concreto que os níveis fundamental e narrativo, é também mais rico e mais complexo; por isso, na análise de textos, é preciso verificar o que se ‘esconde’ por trás dessa diversidade, realizando abstrações”.

Examinado o nível discursivo, costuma-se examinar o nível narrativo em seguida, ou seja, as transformações de sujeitos pela ação de outros sujeitos, para, ao final, chegar-se ao nível fundamental onde reside a oposição mínima de sentido. Para exemplificar os três níveis do percurso gerativo do sentido, será utilizado um texto bastante conhecido, o poema *Canção do exílio*, de Gonçalves Dias.

2. O percurso gerativo do sentido em *Canção do exílio*

No nível mais profundo, o fundamental, detecta-se uma oposição semântica mínima, identidade vs. alteridade, que manifesta valores como pertencimento vs. não pertencimento, pátria vs. exílio, em que os primeiros termos são eufóricos, isto é, com valoração positiva, e os segundos, disfóricos, ou seja, com valoração negativa. Nega-se o exílio e afirma-se a pátria. A euforização da pátria é dada pelas “escolhas” do enunciadador manifestadas no nível discursivo do texto.

No nível narrativo, os valores do nível fundamental são assumidos por um sujeito que, disjunto do objeto valor “minha terra”, em especial com a natureza dela, e, manipulado pela saudade, quer entrar em conjunção com esses valores. É a narrativa de um sujeito que se viu disjunto do objeto de valor pátria e quer voltar a entrar em conjunção com ela, passando de um estado de não pertencimento ao de pertencimento.

No nível discursivo, o sujeito da enunciação delega voz a um narrador que deixa suas marcas linguísticas esparramadas no texto por meio de formas verbais e pronominais de primeira pessoa (*minha, eu, nosso*) que produzem um efeito de sentido de subjetividade, característico da estética romântica. Ao mesmo tempo em que se instala a categoria pessoa (um *eu*), instalam-se as coordenadas espaço-temporais (um *aqui* e um *agora*). O tempo é o tempo da enunciação, o agora, como se depreende dos verbos no presente (*tem, canta, gorjeiam, permita, morra, volte...*). Quanto ao espaço, essa categoria é manifestada por advérbios que remetem a duas ordens de espaço que se opõem: aqui (*cá*) vs. lá, em que *aqui* e *cá* remetem ao espaço da enunciação e *lá*, ao espaço fora da enunciação. Tais advérbios são dêiticos, expressões linguísticas cujo sentido está atrelado à enunciação e que se atualizam a cada vez que são enunciadas. Assim como *eu* é quem diz eu; *aqui* aponta para o espaço do enunciador quando enuncia.

O poema se constrói em torno dessa oposição espacial manifestada linguisticamente pelos dêiticos aqui (*cá*) vs. lá. A informação acrescida ao fim do poema, “Coimbra – julho de 1843”, permite a atualização das referências espaço-temporais: *aqui* e *cá* apontam para Coimbra, Portugal. O presente é julho de 1843 (o agora). Atualizado o sentido de aqui (*cá*), por oposição, atualiza-se o sentido de lá. Se aqui é Portugal; lá é Brasil. O título do poema confirma isso: *Canção do exílio*.

Essa oposição espacial aqui (*cá*) vs. lá manifesta e concretiza, no nível discursivo, a oposição de base. O lá (Brasil, “minha terra”) é euforizado e o aqui / cá (Portugal, o exílio) é disforizado, manifestando outra característica da estética romântica: o nacionalismo.

No nível discursivo, manifestam-se os temas e as figuras. Figuras são palavras concretas que remetem a algo existente no mundo natural ou criado pela imaginação. São palavras de ordem sensorial, ou seja, a percepção do referente delas se dá pelos órgãos do sentido. Em *Canção do exílio*, observam-se figuras como *palmeiras, cantar, sabiá, aves, gorjear, céu, estrelas, várzeas, flores*, que remetem a um tema muito ao gosto do romantismo, a exaltação à natureza. A figura *Deus* (“não permita Deus que morra”) remete a outro tema caro à estética romântica, a religiosidade. Temas são palavras ou expressões que não têm um referente no mundo natural; não são, portanto, percebidas pelos sentidos. Os temas, por fazerem referência a conceitos e ideias, são de ordem cognitiva, portanto não são percebidos pelos órgãos do sentido. As figuras representam o mundo; os temas o organizam.

Todo texto se constrói a partir de temas, que podem estar revestidos de figuras. Nessa perspectiva, há, pois, dois tipos de textos: os figurativos e os temáticos. Os primeiros são mais comuns nas narrações e descrições; os segundos têm

maior frequência em dissertações. Textos literários são figurativos; os científicos e filosóficos são predominantes temáticos. As figuras, como se afirmou, revestem os temas, dando a eles concretude, pois remetem ao mundo natural, o que lhes confere efeito de sentido de realidade. Os textos temáticos interpretam o real, pois remetem a valores (nacionalismo, religiosidade, nostalgia, inveja, orgulho, arrogância etc.). As figuras e temas se encadeiam dando coerência aos textos. A semiótica usa o termo isotopia para denominar a repetição de temas e a recorrência de figuras. Nas palavras de Diana Luz Pessoa de Barros,

Os temas espalham-se pelo texto e são recobertos pelas figuras. A reiteração dos temas e a recorrência das figuras no discurso denominam-se isotopia. A isotopia assegura, graças à ideia de recorrência, a linha sintagmática do discurso e sua coerência semântica (BARROS, 2003, p. 74).

Ressalve-se que, quando se fala em textos temáticos e figurativos, está-se levando em conta a dominância de figuras ou de temas; pois, mesmo em textos temáticos, há presença de figuras. Para Barros (1988, p. 115), “O exercício da análise textual tem mostrado, porém, que não há discursos não-figurativos e sim discursos de figuração esparsa, em que assumem relevância as figuras temáticas”.

Asintaxe discursiva trata das relações entre enunciação e discurso e das relações entre enunciador e enunciatário, especialmente dos recursos argumentativos de que se vale o primeiro para levar o segundo a um crer e a um fazer. Aqui, é necessário abrir um parêntese, para dizer algumas palavras sobre a enunciação, que é sempre pressuposta pelo enunciado. Se há um dito, o enunciado, está pressuposto que houve o ato de dizer, a enunciação.

O linguista Émile Benveniste, na esteira de Saussure, mostra que a passagem da língua para a fala se dá por meio da enunciação, que é, segundo ele, “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1989, p. 82). Em muito breves palavras, enunciação é o ato de dizer; enunciador é aquele que diz; enunciado é o dito e enunciatário é aquele a quem se diz.

Benveniste nos mostra ainda que a enunciação frequentemente deixa marcas no enunciado e que ela tem um conteúdo linguístico. Para ele, pela enunciação instala-se o sujeito no enunciado. Ao instalar-se o sujeito, instalam-se também um tempo e um lugar. Pode-se afirmar resumidamente que a enunciação é a instalação de um eu-aqui-agora, ou seja, de uma pessoa, de um lugar e de um tempo. A essas instâncias (pessoa, lugar e espaço), Benveniste denominou aparelho formal da enunciação. Referindo-se à enunciação e ao enunciador, Jean-Marie Floch esclarece que

A enunciação [...] é uma instância logicamente pressuposta por todo enunciado; e o enunciador é o sujeito produtor deste enunciado, definido e reconstruído a partir deste último. Eis por que não se fala do “autor” ou do “emissor”; a propósito do produtor do discurso, a semiótica quer conhecer unicamente o que seu enunciado indica. Não se levará em conta nenhuma informação sobre o autor, sua ideologia ou sua competência que não esteja contida no texto, na imagem ou no gesto, e somente neles mesmos. O mesmo princípio vale para conhecer aquele que lê ou olha: o enunciatário (destinatário do enunciado) será, ele também, construído pelo objeto de sentido analisado (FLOCH, 2001, p. 16).

Do ponto de vista da enunciação, teremos dois tipos de textos: os enunciativos e os enuncivos. No que se refere à categoria pessoa, os primeiros são aqueles em que as marcas linguísticas de pessoa estão presentes no texto remetendo à enunciação, produzindo efeitos de sentido de subjetividade. Nos segundos, as marcas linguísticas de pessoa foram apagadas, produzindo efeitos de sentido de objetividade. Os primeiros são textos em primeira pessoa e são um simulacro da enunciação; os segundos, textos em terceira pessoa e há neles como que um afastamento da instância da enunciação. A opção por produzir textos enunciativos ou enuncivos está ligada não só aos efeitos de sentido que se pretendem produzir (subjetividade ou objetividade) mas também às coerções do gênero e da esfera em que circulam. Um diário ou um memorial são normalmente redigidos em primeira pessoa (textos enunciativos) ao passo que, no discurso jornalístico, o editorial é redigido em terceira pessoa (texto enuncivo), em que se apagam as marcas do produtor a fim de obter efeitos de sentido de impessoalização do discurso. As marcas linguísticas que remetem ao enunciatário também podem ser apagadas. Nesse caso, ele se confunde com o leitor implícito.

A enunciação, ao instalar a categoria pessoa, instala ainda um eixo de coordenadas espaço-temporais, por isso que se diz que a enunciação é a instância do *ego*, *hic*, *nunc* (eu, aqui, agora) e, como “não há acontecimento fora dos quadros do tempo, do espaço e da pessoa” (FIORIN, 2001, p. 15), não há como estudar um texto sem que se leve em conta a enunciação.

Em *Canção do exílio*, estão presentes as marcas linguísticas de pessoa, como se observa pelos pronomes: *minha* terra, *nosso* céu, *nossas* várzeas, encontro *eu*, que *eu* morra, sem que (*eu*) volte, sem que (*eu*) desfrute, todos de primeira pessoa. Trata-se de texto enunciativo, cujo efeito de sentido é, pois, de subjetividade, característica da estética romântica.

Examinam-se agora as marcas linguísticas que remetem à categoria espaço. Nos textos, essa categoria é assinalada, principalmente, por advérbios, locuções

adverbiais e pronomes demonstrativos. Os advérbios presentes no texto remetem a duas ordens de espaço que se opõem: aqui (cá) vs. lá, em que aqui (cá) remete ao espaço da enunciação e lá, ao espaço fora da enunciação.

Tais advérbios são dêiticos, expressões linguísticas cuja interpretação depende da pessoa, do lugar e do momento em que são enunciadas. O sentido dos dêiticos se atualiza a cada vez que são enunciados. Assim como *eu* é quem diz eu; *aqui* aponta para o espaço do enunciador quando enuncia. Referindo-se aos dêiticos, Apothéloz ressalta que

Certas expressões linguísticas têm como particularidade que sua interpretação é inteiramente dependente do lugar ou do momento de sua enunciação, ou ainda da pessoa que as enuncia. Aqui se interpreta com relação ao lugar onde se acha o locutor no momento em que ele pronuncia “aqui”, agora se interpreta com relação ao momento em que se acha o locutor quando ele pronuncia “agora”, e eu designa a pessoa que pronuncia “eu”. As expressões linguísticas cuja interpretação se apoia em parâmetros de lugar, tempo e pessoa da situação de enunciação são chamadas de dêiticas (APOTHÉLOZ, 2003, p. 66-67).

A categoria tempo, nos textos, é expressa por elementos linguísticos como flexões dos verbos, advérbios, locuções adverbiais e alguns pronomes demonstrativos. Em *Canção do exílio*, a expressão de tempo é dada pela flexão dos verbos no presente do indicativo e do subjuntivo: “minha terra *tem*”, “onde *canta* o sabiá”, “aqui *gorjeiam*”, “*encontro eu*”, “que eu *morra*”, “sem que *volte*”, “sem que *desfrute*”, “sem qu’inda *aviste*”. Em síntese: *Canção do exílio* é um texto enunciativo nas três categorias da enunciação: pessoa (eu); espaço (aqui); tempo (agora).

O poema se constrói em torno de uma oposição espacial manifestada linguisticamente pelos dêiticos aqui vs. lá. Como são palavras da ordem do discurso, o sentido delas está atrelado à enunciação. Aqui é onde o enunciador da enunciação está quando diz *aqui*. A informação colocada ao fim do poema, “Coimbra – julho de 1843, atualiza as referências espaço-temporais: aqui e cá apontam para Coimbra, Portugal, e *agora* (presente) é julho de 1843. Atualizado o sentido de aqui, por oposição, atualiza-se o sentido de lá. Se aqui é Portugal; lá é Brasil. O título do poema antecipa isso: *Canção do exílio*.

Juntando-se o elemento figurativo à categoria espacial temos espaço fora da enunciação, o lá (Brasil), como eufórico; e o espaço da enunciação como disfórico. Outra característica da estética romântica vem à tona: o nacionalismo.

II- ANÁLISE DE TEXTO

pag. 10

Apresenta-se nesta segunda parte do artigo um modelo de análise de texto com base no percurso gerativo do sentido. Se, na produção, o sentido é construído num percurso ascendente, do nível fundamental ao discursivo, na leitura e na análise, costuma-se adotar o sentido inverso, partindo do que é mais concreto e superficial, o nível discursivo, para chegar ao nível fundamental. Como se afirmou, essa é uma opção de análise. Cada texto fornece sua chave de leitura, de sorte que nada impede de a análise começar pelo nível narrativo, examinando as transformações do sujeito na busca de objetos de valor, ou mesmo pelo fundamental, destacando a oposição semântica básica sobre a qual se constrói o sentido do texto.

Transcreve-se a seguir o poema *O açúcar*, de Ferreira Gullar, que será analisado sob o prisma do percurso gerativo do sentido.

O açúcar

O branco açúcar que adoçará meu café
nesta manhã de Ipanema
não foi produzido por mim
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.
Vejo-o puro
e afável ao paladar
como beijo de moça, água
na pele, flor
que se dissolve na boca. Mas este açúcar
não foi feito por mim.
Este açúcar veio
da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira,
dono da mercearia.
Este açúcar veio
de uma usina de açúcar em Pernambuco
ou no Estado do Rio
e tampouco o fez o dono da usina.
Este açúcar era cana
e veio dos canaviais extensos
que não nascem por acaso
no regaço do vale.
Em lugares distantes, onde não há hospital
nem escola,
homens que não sabem ler e morrem de fome
aos 27 anos
plantaram e colheram a cana
que viraria açúcar.
Em usinas escuras,
homens de vida amarga

e dura
 produziram este açúcar
 branco e puro
 com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.
 (GULLAR, 2000, p. 165)

O componente semântico do nível discursivo é representado pelos temas e figuras e o sintático, pela enunciação. A análise será iniciada pelo que há de mais concreto nesse nível, as figuras, que podem ser agrupadas em categorias que se opõem pelo sentido.

doçura

vs.

amargura

“açúcar”

“adoçará”

“açucareiro”

“vida amarga”

“afável”

“beijo

claridade

vs.

escuridão

“branco”

“café”

“açúcar”

“usinas escuras”

“água”

“manhã”

urbanidade	vs.	ruralidade²
“Ipanema”		“usina”
		“canaviais”
		“lugares distantes”
		“cana”

Levantadas as figuras, o passo seguinte será o agrupamento delas em categorias. Isso permitirá visualizar a oposição temática sobre a qual trabalha o poema, conforme se mostra a seguir.

doçura, claridade, urbanidade	amargura, escuridão, ruralidade
açúcar, doce	Amarga
branco	Escura
Ipanema	Pernambuco, Estado do Rio, usinas, canaviais

Como se pode observar, o encadeamento das figuras no nível sintagmático do texto, formando isotopias (açúcar, cana, canavial, doce, adoçar, açucareiro, usina) fornece a chave para a leitura do texto, já que por meio delas se manifestam os valores ideológicos.

A seguir, apresentam-se alguns comentários sobre a sintaxe discursiva, ou seja, sobre as categorias da enunciação.

Há um narrador, delegado pelo enunciador, instalado no texto, como se depreende pelas formas linguísticas de pessoa (verbos e pronomes):
“O branco açúcar que adoçará *meu* café”

“não foi produzido por *mim*”

“Vejo-o puro”

“com que adoço *meu* café esta manhã em Ipanema”

2 No contexto do poema, as figuras “Pernambuco” e “Estado do Rio” remetem também à categoria ruralidade, pois se referem a locais onde estão as usinas produtoras de açúcar

A linguagem é marcada pelo dialogismo; dessa forma, ao instalar um *eu*, instala-se um *tu / você*, não explicitado no poema, um espaço e um tempo. O espaço da enunciação é o *aqui*, Ipanema, Rio de Janeiro, ao qual se opõe um espaço fora da enunciação, um *não-aqui*, um *lá*, no poema representado por figuras como Pernambuco, usinas, canaviais. O tempo é concomitante ao momento da enunciação, o *agora*: “*Vejo-o puro*”. Em relação a esse presente, há dois momentos não-concomitantes: um futuro (“O branco açúcar que *adoçará* meu café”) e um passado (Este açúcar *era* cana / *e veio* dos canaviais extensos”). O passado instalado no texto (“*plantaram e colheram a cana*”) serve de momento de referência a um outro futuro (“que *viraria* açúcar”), ou seja, fato futuro de um fato passado (*plantaram e colheram*), por isso mesmo denominado futuro do passado, ou futuro do pretérito, segundo a nomenclatura gramatical. Pode-se então sistematizar no quadro a seguir as categorias enunciativas do poema, destacando as oposições que elas estabelecem.

PESSOA		TEMPO		ESPAÇO		
eu	tu / você	presente	passado	futuro	aqui	não-aqui
narrador: instalado no texto (1ª pessoa)	narratário: não expli- cado	vejo, dis- solvo, ado- ço	veio, planta- ram, colhe- ram, produzi- ram	a d o ç a r á, viraria	Ipanema	usinas, cana- viais, lugares distantes Pernambuco

A superposição do quadro das categorias da enunciação às figuras anteriormente apresentadas possibilita a construção do sentido do poema, uma vez que permite que se visualizem os temas e os valores ideológicos veiculados pelo poema.

No nível narrativo, o poema apresenta o percurso de um sujeito, figurativizado em “o açúcar”, com suas transformações de estado. De cana passa a açúcar pela manipulação de sujeitos dotados de um saber-fazer, ou seja, de uma competência (o saber) e de uma *performance* (o fazer), representados pelos “homens de vida amarga e dura”. Esse percurso do sujeito açúcar desenrola-se temporal e espacialmente. A cana, pela ação de sujeitos “de vida amarga e dura” transforma-se no açúcar que adoçará o café do narrador em Ipanema.

O texto, como se destacou na introdução deste artigo, não só é um todo de sentido, mas também um objeto de comunicação entre um enunciador e um enunciatário, pelo qual o primeiro visa persuadir o segundo. Em *O açúcar*, como se viu, o enunciador delega voz a um narrador instalado no texto que se dirige a um narratário não explicitado, visando persuadi-lo das diferenças sociais entre aqueles que produzem o açúcar e aqueles que o consomem. Os primeiros são figurativizados

por aqueles que vivem nas cidades em bairros ricos (Ipanema) e podem desfrutar de sua doçura (“afável ao paladar / como beijo de moça, água / na pele, flor / que se dissolve na boca...”); os segundos são figurativizados por aqueles que vivem “em lugares distantes, onde não há hospital / nem escola / homens que não sabem ler e morrem de fome / aos 27 anos”.

Na categoria doçura vs. amargura, presente no nível mais profundo e abstrato do poema, o segundo termo da oposição é valorizado positivamente. O percurso que se estabelece entre os termos é o seguinte: afirma-se a doçura (“O branco açúcar que adoçara meu café”); nega-se a doçura (“homens que não sabem ler e morrem de fome / aos 27 anos / plantaram e colheram a cana”), para finalmente afirmar a amargura (“homens de vida amarga/ e dura/ produziram esse açúcar”). Portanto, o que o poema exalta não é a doçura, a pureza, o afável, o branco, o puro, figuras que se referem ao açúcar, mas o amargo, o duro, o escuro, ou seja, a vida amarga e dura daqueles homens que, em usinas escuras de lugares distantes, produziram o açúcar que adoça o café das pessoas das cidades. Em suma, o tema do poema é a desigualdade social.

Considerações finais

O artigo apresentou uma proposta de análise de texto literário com fundamento na semiótica discursiva e procurou explicitar como se constrói o sentido do texto com base no percurso gerativo do sentido. A metodologia consistiu numa análise do poema *O açúcar*, de Ferreira Gullar. Abstraiu-se o plano da expressão e investigou-se a construção do sentido, com base no percurso gerativo. Optou-se por se percorrer um percurso descendente, partindo do nível mais concreto e superficial, o nível discursivo, passando pelo narrativo até chegar à oposição mínima de significados sobre a qual se constroem os sentidos do texto. Dedicou-se especial ênfase ao nível discursivo, destacando-se os temas e seu revestimento figurativo, já que, na semântica do discurso, manifestam-se as crenças e ideologias e as categorias da enunciação, pessoa, tempo e espaço. Em seguida, no nível narrativo, destacou-se o percurso de um sujeito que, pela ação de outros sujeitos, transformou-se de cana em açúcar e chegou-se à oposição semântica de base sobre a qual se constrói o poema. Por último, mas não menos importante, ressalta-se que a análise se restringiu ao percurso gerativo do sentido, deixando-se de lado a análise do plano da expressão e a relação do texto analisado com outros textos, tarefa que pode ser objeto de outro artigo.

APOTHÉLOZ, Denis. “Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual”. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernardete Biasi; CIULLA, Alena (Orgs.). *Referenciação*. Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante. São Paulo: Contexto, 2003.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria semiótica do texto*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. 3ª ed. São Paulo: Humanitas / FFLCH-USP, 2002.

BENVENISTE, Émile. “O aparelho formal da enunciação”. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Tradução de Marco Antônio Escobar. Campinas (SP): Pontes Editores, 1989, p. 68-90.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. 2ª. ed. São Paulo: Ática, 2001.

FLOCH, Jean Marie. *Alguns conceitos fundamentais em semiótica geral*. Trad. de Analice Dutra Pilar. São Paulo: Centro de pesquisas sociosemióticas, 2001.

GULLAR, Ferreira. *Toda poesia (1950-1999)*. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

TERRA, Ernani; PACHECO, Jessyca. *O conto na sala de aula*. Curitiba: InterSaberes, 2017.

Submetido: 26/03/2024

Aprovado: 26/03/2024

Publicado: 28/03/2024

